



2018

ISSN: 2359-6597

INVESTIGAÇÕES ACERCA DO OBJETO INTENCIONAL DA MEMÓRIA

Úrsula Maria Coelho Lied*

Resumo: Este artigo pretende analisar três teorias a respeito do que é o objeto intencional da memória. As teorias abordadas são o realismo direto, o realismo representativo e o pragmatismo em filosofia da memória. A primeira delas defende que quando lembramos, acessamos um evento passado sem intermédios; a segunda argumenta que acessamos diretamente uma representação do evento passado; a última, elaborada recentemente, afirma que nossas lembranças são determinadas por nossas ações. Apresentamos a ideia central de cada teoria, com quais outras teorias sobre a memória elas relacionam e as principais objeções que enfrentam. Após isso, demonstramos a nossa posição, qual seja, o realismo representativo nos parece a alternativa mais viável entre as opções atuais.

Palavras-chave: Filosofia da Memória. Realismo direto. Realismo Representativo. Pragmatismo.

Introdução

O debate contemporâneo em filosofia da memória aborda diversas questões, em sua grande maioria, muito específicas. Para tratarmos do presente tema, estudamos diversos outros mais básicos, porém com um grau já elevado de especificidade. Entre os temas estudados até aqui, estão a distinção entre tipos de memória; teorias a respeito da natureza da memória; relação entre tempo e memória, etc. Neste texto, trataremos do debate acerca da natureza do objeto intencional da memória episódica. Ou seja, com qual objeto do mundo estamos nos relacionando quando lembramos.

A tarefa que executaremos a seguir objetiva mostrar a nossa posição a respeito das três teorias sobre o objeto intencional da memória episódica. Exporemos individualmente o realismo direto, o realismo representativo e o pragmatismo, seguidos da apresentação dos seus principais problemas. Por fim, ofereceremos a nossa posição, sua justificativa e defesa. Adiantamos que o principal material utilizado na realização desta tarefa é o artigo *Thinking*

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ursulamclied@gmail.com

about events: A pragmatist account of the objects of episodic hypothetical thought (SANT'ANNA; MICHAELIAN, 2018), devido à sua originalidade.

1 Realismo direto, realismo representativo e pragmatismo

Quando lembramos, estamos em contato direto com o quê? Estabelecemos uma relação com o passado? Ou estamos ligando representações? Ou simplesmente trabalhando com aquilo que nos é útil? A seguir, mostraremos um quadro comparativo com as três diferentes respostas dos filósofos da memória, em seguida, apresentaremos nossa discussão:

	Realismo direto	Realismo indireto	Pragmatismo
Descrição	Contato direto com os eventos passados.	Contato direto com as representações de eventos passados.	A memória é guiada por objetos de ação.
Pontos positivos	Contempla a fenomenologia que temos quando lembramos.	Reconhece que ao lembrarmos não estamos em contato com o evento passado em si; Não está comprometida com outras teorias da memória.	Explica como surge a direção temporal dos pensamentos episódicos hipotéticos.
Pontos negativos	Enfrenta o problema da co-temporalidade; A existência de confabulação e de falsas memórias indica que não há contato direto com o evento passado.	Está em desacordo com a fenomenologia que temos ao lembrar; Não explica como se dá a orientação temporal dos pensamentos.	Está comprometida com a teoria simulacionista; Está em desacordo com a fenomenologia que temos ao lembrar.

1 Realismo direto

O realismo direto afirma que quando lembramos, temos acesso direto a um evento passado. Se neste momento recordarmos do almoço de ontem, estaremos em contato direto com o almoço de ontem. Isto é, os eventos passados são acessados diretamente no período presente, por meio da memória de quem está lembrando.

A teoria do realismo direto enfrenta, pelo menos, dois sérios problemas. O chamado problema da co-temporalidade e o problema do disjuntivismo (SANT'ANNA; MICHAELIAN, 2018, p. 5-10). A questão da co-temporalidade diz respeito a como um indivíduo no momento presente pode ter acesso direto a um evento passado. Para aderirmos a esta teoria como a mais adequada à realidade, é preciso nos comprometermos com um

modelo de ontologia temporal em que passado e presente existam igualmente, e, então, escaparmos à objeção da co-temporalidade. Há quem sustente o realismo direto a partir do eternalismo (BERNECKER, 2008). Este modelo de ontologia temporal estaria apto a sustentar o realismo direto sobre memórias episódicas por (a) demonstrar como eventos passados podem ser acessados no presente e (b) possibilitar que estes eventos validem as memórias. Ou seja, adotando o eternalismo, esta teoria realista teria como assegurar um vínculo direto entre o evento passado e a evocação no momento presente, pois este modelo de ontologia temporal concede a existência de todos os tempos. Entretanto, há um amplo debate atual acerca dos modelos de ontologias temporais, e, portanto, nem todos os estudiosos concordam em adotar a saída encontrada por Bernecker. Assim, aos que, como nós, seguem outros tipos de ontologia temporal, o realismo direto pode não estar imune ao problema da co-temporalidade. Conceber o futuro como existindo do mesmo modo que o passado e o presente, como afirma o eternalismo, parece-nos, no mínimo, contra-intuitivo.

Além disso, para os simulacionistas o realismo direto está sujeito também ao problema do disjuntivismo. O realismo direto defende que há diferença de natureza entre uma memória e uma confabulação, ou outros tipos de pensamentos episódicos hipotéticos. Contudo, esta diferenciação é equivocada na visão de qualquer simulacionista, como são Sant'Anna e Michaelian (2018, p. 8). No simulacionismo, as memórias são entendidas como apenas mais um dos tipos de pensamento episódico hipotético. Isto é, a faculdade responsável pelas evocações é a mesma que opera quando estamos imaginando ou planejando. Deste modo, memórias, planos para o futuro e pensamento contrafactual são todos pensamentos da mesma natureza, distinguindo-se apenas quanto aos seus status modais e temporais. Portanto, dependendo da teoria acerca da natureza dos pensamentos memoriais que adotarmos, precisaremos recusar o realismo direto.

2 Realismo representativo

O realismo representativo, ou realismo indireto, defende que ao lembrarmos, estamos em contato direto com a representação de um evento passado, não com o evento em si. Ou seja, nesta concepção, acessamos diretamente a representação que formamos a partir do contato entre nós e o mundo exterior. Por meio da memória, recuperamos a representação do evento passado e, então, o acessamos indiretamente.

Sant'Anna e Michaelian apontam um argumento contra o realismo representativo. Segundo eles, esta teoria não funciona porque não é a mera representação do evento que

indica ao sujeito qual a sua direção temporal e o seu status modal. Para o indivíduo entender determinado evento como uma memória episódica, ele deve ter um conjunto de crenças que o leve a inferir que este evento é passado. Assim, o que determinaria o carácter dos pensamentos episódicos hipotéticos, como memória ou como imaginação, seriam fatores externos à representação do evento. Em suma, o realismo representativo não é válido porque confere à representação o poder de classificar os pensamentos em memória ou imaginação, sem ser capaz de mostrar a localização temporal e o status modal destes pensamentos. Com outras palavras, o realismo indireto é acusado de dizer que determinado pensamento é uma memória, e que, portanto, se refere ao passado, sem conseguir dizer que o conteúdo desta memória, a representação de um evento, é um evento passado ou futuro.

[...] Considere outro par de cenários. No primeiro, você tem um pensamento episódico hipotético que descreveríamos intuitivamente como a memória da sua festa de aniversário de dez anos. Parece claro para você que você está recordando um evento que ocorreu no passado atual e não meramente imaginando um evento futuro possível. Isto parece claro para você porque você tem um conjunto de crenças que sugere isso. Você acredita, por exemplo, que é atualmente um adulto, que a criança presente no seu pensamento é uma versão jovem de você, e que o desenvolvimento humano é um processo irreversível que vai da infância à idade adulta. O que nós sugerimos é que estas e outras crenças relevantes determinam que o seu pensamento seja sobre um evento do passado atual. Compare este primeiro cenário a um segundo, no qual você acorda uma manhã com um conjunto incomum de crenças equivocadas. Você acredita, por exemplo, que humanos nascem adultos e se tornam crianças só depois em suas vidas. Agora, suponha que você tenha o mesmo pensamento episódico hipotético do primeiro cenário. Devido às suas crenças equivocadas, o pensamento é agora sobre um possível evento futuro. Apesar de ainda crer que você é um adulto e apesar de tomar a pessoa presente como sendo você, a sua crença sobre como indivíduos humanos se desenvolvem mudou, mudando assim a referência temporal do pensamento. Em geral, a ideia é que, se o mesmo pensamento pode referir tanto ao passado quanto ao futuro dependendo das crenças que o acompanham, o pensamento episódico hipotético deve ser silencioso com respeito à localização temporal e ao status modal. (SANT'ANNA; MICHAELIAN, 2018, p. 12, tradução nossa).¹

¹ No texto original: “[...] Consider another pair of scenarios. In the first, you have an episodic hypothetical thought that we would intuitively describe as a memory of your tenth birthday party. It seems clear to you that you are remembering an event that occurred in the actual past and not merely imagining a possible future event. This seems clear to you because you have a set of beliefs that suggest it. You believe, for instance, that you are currently an adult, that the child presented in the thought is a younger version of you, and that human development is an irreversible process that goes from childhood to adulthood. What we suggest is that it is these and other relevant beliefs that determine that your thought is about an actual past event. Compare this first scenario to a second, in which you wake up one morning with an unusual set of mistaken beliefs. You believe, for example, that humans are born adults and become children only later in their lives. Now, suppose that you have the same episodic hypothetical thought as in the first scenario. Due to your mistaken beliefs, the thought is now about a possible future event. Despite still believing that you are an adult and despite taking the person presented in the thought to be you, your belief about how human individuals develop has changed, thus changing the temporal reference of the thought. In general, the idea is that, if the same thought can refer either to the past or to the future depending on the beliefs that accompany it, episodic hypothetical thought must be silent with respect to temporal location and modal status.” (SANT'ANNA; MICHAELIAN, 2018, p. 12).

Portanto, segundo esta objeção, o realismo representativo enfrenta um sério problema por dizer que o objeto intencional da memória é uma representação sem que esta representação por si só indique a sua direção temporal. A direção temporal dos pensamentos episódicos hipotéticos é dada, na visão de Sant’Anna e Michaelian, pelas outras crenças que o sujeito possui. Dizer que o objeto intencional da memória episódica é uma representação seria errôneo porque faltaria o aspecto temporal, exatamente o indicador de que se trata de memória ou imaginação.

3 Pragmatismo

A visão pragmatista acerca do objeto intencional da memória episódica é significativamente distinta das duas teorias anteriores. O pragmatismo em memória episódica já ingressa no debate partindo de uma abordagem mais ampla, em que este formato de memória é apenas mais um dos modos de pensar contemplados pelo grupo dos pensamentos episódicos hipotéticos. Este grupo abrange quaisquer pensamentos que um sujeito tenha de si mesmo com alguma orientação temporal e status modal. Isto é, a teoria pragmatista sobre a memória episódica a concebe como sendo da mesma natureza que todos os demais pensamentos em que há viagem mental no tempo. Significa, portanto, que memória episódica é muito semelhante ao planejamento sobre o futuro e à imaginação contrafactual.

Na compreensão pragmatista da memória, tudo o que há são objetos de ação. Isto é, a própria memória é regulada conforme as ações, de modo que o seu objeto intencional será um objeto de ação. Como objetos de ação, podem surgir tudo aquilo que seja capaz de influenciar as ações do sujeito, desde objetos materiais até sentimentos. Assim como esta parte inicial da teoria, o restante também é bastante distinto das teorias realistas. O pragmatismo em memória afirma que os objetos da ação não carregam em si os aspectos temporal e modal (SANT’ANNA; MICHAELIAN, 2018, p. 17). O que indica que um pensamento episódico hipotético é passado ou futuro e atual ou possível é o conjunto de crenças que o sujeito tem para além deste pensamento em questão. Ou seja, quando lembramos episodicamente, entretemos um pensamento a nosso respeito e em seguida, baseados em nossas crenças, atribuímos a este pensamento uma “etiqueta” de passado atual.

Assim, se a teoria defende que concebemos nossos próprios pensamentos como memórias a partir do conjunto de crenças que temos, então ela está de acordo com o simulacionismo. Este comprometimento do pragmatismo em memória com a teoria simulacionista é enfatizado pelos próprios autores:

Confabulação e falsa lembrança ocorrem porque a memória tem um carácter reconstutivo, ao invés de reprodutivo: ao invés de ser uma questão de preservação de uma representação ou um relacionamento estabelecido no momento da experiência, recordar é, como Bartlett pôs em seu estudo fundacional (1932), sempre uma questão de criação de algo novo com base tanto na experiência passada do sujeito quanto no seu estado mental presente. (SANT'ANNA; MICHAELIAN, 2018, p. 8-9, tradução nossa).²

Contudo, isto pode ser problemático para causalistas acerca da memória ou para quem não concorda completamente nem com o causalismo, nem com o simulacionismo, o nosso caso. A partir disso, surge a maior dificuldade que temos em relação à alternativa pragmatista. Acreditamos que depender de um conjunto de crenças para assumir um pensamento episódico hipotético como memória é correr um risco demasiado arriscado. Se as memórias que temos se dão pelas crenças que possuímos, podemos atingir uma porcentagem altíssima de memórias falsas caso tenhamos crenças falsas ou, ainda, combinações inadequadas entre as crenças verdadeiras. Além disso, se os indivíduos realmente só concebem algo como memória a partir das crenças que têm, pensamos que o mundo seria um lugar significativamente mais caótico, a memória teria uma função prática bastante reduzida por ser pouquíssimo confiável.

Portanto, a objeção que temos ao pragmatismo em memória nasce do seu compromisso com o simulacionismo. Esta visão acerca da memória não nos parece totalmente adequada, pois seria questão de sorte termos tanto sucesso na vida prática contando com o auxílio de uma faculdade capaz de tantos erros. Reconhecemos, evidentemente, que temos diversas memórias falsas, por isso não concordamos com a teoria causalista, mas isto não implica que a memória seja majoritariamente construtiva. Apostamos em uma teoria híbrida quanto ao debate entre causalismo e simulacionismo.

4 Realismo representativo como alternativa mais viável

A nossa principal motivação para adotarmos o realismo representativo é a sua independência em relação às teorias causalista e simulacionista. Caso adotássemos o realismo direto, estaríamos automaticamente comprometidos com a teoria causalista, pois se tivéssemos acesso direto ao evento passado, nossas memórias seriam necessariamente

² No texto original: “Confabulation and misremembering occur because memory has a reconstructive, rather than a reproductive, character: rather than being a matter of the preservation of a representation or a relationship established at the time of experience, remembering is, as Bartlett put it in his foundational study (1932), always a matter of creating something anew on the basis both of the subject's past experience and of his present state of mind.” (SANT'ANNA; MICHAELIAN, 2018, p. 8-9).

causadas de modo integral por ele. Por outro lado, se escolhêssemos o pragmatismo, firmaríamos compromisso com a teoria simulacionista, dado que interpretaríamos algo como memória a partir do nosso conjunto de crenças. Já o realismo representativo nos parece ser compatível com uma teoria híbrida, em que o evento passado seria a base inicial para a representação e esta chegaria à nossa memória. No percurso percorrido pela representação, desde a sua criação até à sua evocação pela memória, haveria a possibilidade de falhas, o que explicaria falsas memórias.

Outra vantagem do realismo representativo, em relação ao realismo direto, especificamente, é o seu não comprometimento com determinado modelo de ontologia temporal. Como mencionamos ao apresentarmos o realismo direto, o seu vínculo com a teoria eternalista acerca do tempo é um ponto problemático. Há, dissemos, outras teorias no debate atual que buscam compreender o tempo (NEY, 2014, p. 142), entre as mais investigadas estão o presentismo e a teoria do bloco em construção. O ponto favorável ao realismo representativo é, por entender que a evocação requer apenas uma representação da experiência passada, a possibilidade de conciliá-lo com vários modelos de ontologia temporal distintos. Dessa forma, o conjunto de possíveis adeptos ao realismo representativo é menos restrito, por ser menos exigente, do que o grupo compatível com o realismo direto e o grupo compatível com o pragmatismo, devido à ligação deste com o simulacionismo. Encaramos isto como uma vantagem porque estudar a memória é distinto de estudar o tempo, de modo que adotar uma teoria acerca da memória não deve requerer que se adote determinada teoria metafísica do tempo.

Uma terceira motivação para a nossa escolha se dá por meio de uma tentativa de defender o realismo representativo da objeção pragmatista apresentada anteriormente. Os pragmatistas dizem que o realismo representativo não é suficiente porque a representação não traz consigo os status temporal e modal, o que o impediria de conceber um pensamento como memória. O conjunto de crenças que temos é que seria responsável por apontar os pensamentos episódicos hipotéticos como memória ou como imaginação e como atuais ou como possíveis. Entretanto, entendemos que as representações dos eventos são construídas a partir do evento e do conjunto de crenças que temos, de modo que seria natural a participação das crenças na atribuição dos status em questão. A diferença da participação das crenças, a nosso ver, está que ao seguirmos a teoria pragmatista, entendemos que o conjunto de crenças participa após entretermos o evento em nossa mente, enquanto que se seguirmos o realismo representativo, defenderíamos que as crenças já estariam presentes na formulação da representação do evento. Acreditamos que o conjunto de crenças do sujeito trabalhe na

construção das representações, e que, portanto, não surgem para acompanhar as representações já concebidas.

Conclusão

Como vimos, estão disponíveis três teorias acerca do que é o objeto intencional da memória episódica. A mais recente delas, a teoria pragmatista, tenta superar os problemas enfrentados pelas realistas direta e representativa. Entretanto, também tem seus problemas. O que pretendemos neste texto foi manifestar a nossa posição em defesa de uma delas, a realista representativa. Esta escolha foi baseada no fato de as outras duas nos parecerem mais problemáticas e por ela própria ser a menos comprometida com outras teorias sobre a memória, com as quais temos dificuldades.

Referências

- Bernecker, Sven. 2008. **The Primary Objects of Memory**. In:____.: The Metaphysics of Memory, 61–80. Dordrecht: Springer.
- Ney, Alyssa. 2014. **Time**. Metaphysics: an introduction, 138-169. New York: Routledge.
- Sant’Anna, André, and Kourken Michaelian. 2018. **Thinking about Events: A Pragmatist Account of the Objects of Episodic Hypothetical Thought**. Review of Philosophy and Psychology, February. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/323184598>>. Acesso em: 17 out. 2018.